

EM BUSCA DE UMA TIPOLOGIA DA LIBRAS: APLICAÇÃO DA TIPOLOGIA DAS INTERFACES A PARTIR DO FENÔMENO DE NEGAÇÃO¹

En busca de una tipología de la Libras: aplicación de la tipología de las interfaces a partir del fenómeno de la negación

Rayane Rodrigues Gomes da Silva²

Orientação: Profa. Dra. Nídia Nunes Máximo³

RESUMO

Este artigo trata da busca de uma tipologia da Libras, com foco na aplicação da tipologia das interfaces, a partir do modelo proposto por Máximo (2023), mais especificamente, da perspectiva da interface morfossintática, com foco no fenômeno de negação. O uso da língua em contextos reais de interação foi levado em consideração, com o intuito de entender como a pessoa surda percebe o mundo a partir do modo como se expressa em sua língua natural, que, no caso deste trabalho, é a Libras. Para isto, revisitamos vídeos disponíveis na plataforma digital Youtube, produzidos por pessoas surdas brasileiras, com o objetivo de analisarmos a sinalização natural dos indivíduos, atentando-se às sentenças negativas presentes nos vídeos, classificando-as quanto aos seus tipos e quanto a sua posição nas frases, a fim de identificar qual é a predominância na sinalização. Como resultado, identificamos que o tipo de negação mais recorrente nos vídeos foi a negação lexicalizada no verbo e que a posição sintática mais frequente da negação foi no meio da frase próximo a um pronome pessoal.

Palavras-chave: Libras; Tipologia; Tipologia das Interfaces; Negação.

RESUMEN

Este artículo aborda la búsqueda de una tipología de la Libras, con énfasis en la aplicación de la tipología de las interfaces, según el modelo propuesto por Máximo (2023), en particular desde la perspectiva de la interfaz morfosintáctica, centrada en el fenómeno de la negación. Se consideró el uso de la lengua en contextos reales de interacción, con el propósito de comprender cómo la persona sorda percibe el mundo a través de la forma en que se expresa en su lengua natural, que en el caso de este trabajo, es la Libras. Para ello, se analizaron videos disponibles en la plataforma digital Youtube, producidos por personas sordas brasileñas, con el objetivo de examinar la señalización natural de los individuos, prestando atención a las sentencias negativas presentes en los videos, clasificándolas según sus tipos y su posición en las oraciones, con el fin de identificar cuál es la predominancia en la señalización. Como resultado, se identificó que el tipo de negación más recurrente en los videos fue la negación lexicalizada en el verbo y que la posición sintáctica más frecuente de la negación fue en el medio de la oración cercano a un pronombre personal.

¹Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. Nídia Nunes Máximo; Profa. Dra. Gláucia Renata Pereira do Nascimento, na seguinte data: 27 de junho de 2025.

² Graduanda em Licenciatura em Letras-Libras na UFPE.

³ Professora do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFPE.

Palabras clave: Libras; Tipología; Tipología de interfaces; Negación.

1 INTRODUÇÃO

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) é uma língua que acontece no espaço e que é percebida através da visão. Ou seja, ela é uma língua composta por sinais, que, na língua oral, seria o que intitulamos como “palavras”. Estes sinais, por sua vez, são realizados no espaço. Além disso, esta língua de sinais é utilizada pela comunidade surda do Brasil. Ao longo do tempo, os estudos acerca da Libras, bem como o de outras línguas de sinais, vêm sendo desenvolvidos e aprofundados. No entanto, a Tipologia Linguística relacionada à Libras precisa ser aprofundada, principalmente no que tange ao fenômeno linguístico intitulado como negação.

De acordo com Van der Hulst (1993), apesar de as línguas orais e as línguas de sinais apresentarem características em comum no que diz respeito à fonologia, é incerto que a forma de analisar as línguas orais deve ser aplicada à análise das línguas de sinais. Por conseguinte, utilizar métodos como a separação silábica para a análise dos sinais, por exemplo, não seria a melhor estratégia, visto que, as línguas orais são faladas e as línguas de sinais são sinalizadas. Logo, são de modalidades distintas e os aspectos de cada modalidade devem ser levados em consideração.

Segundo Crasborn (2012), a principal diferença entre as línguas de sinais e as línguas orais é a forma como elas são “recebidas”: uma é recebida através da visão, a outra, da audição. Deste modo, o estudo das línguas precisa levar em consideração essa diferenciação, já que ela influencia diretamente no modo de análise das línguas, pois essa característica impacta diretamente na gramática da língua, por exemplo. Assim, a análise das línguas de sinais e das línguas orais deve ser feita de maneira distinta, respeitando suas particularidades.

A Tipologia Linguística, conforme Bossaglia (2019), é uma disciplina que tem como objetivo fazer a classificação das línguas humanas de acordo com seus tipos. Os tipos das línguas, por sua vez, configuram-se como uma agremiação de línguas, que em determinada amostra, apresentam aspectos em comum. Assim, as línguas são postas em várias “caixas”, nas quais as línguas que apresentem semelhança, de acordo com a característica em questão, serão postas na mesma “caixa”. Em síntese, línguas que apresentam artigos - que seria a “amostra” - em sua gramática são separadas em uma caixa, e as que não possuem, em outra caixa, por exemplo. Deste modo, temos tipos de línguas diferentes, as que possuem artigo e as que não possuem e assim seria de acordo com cada aspecto que fosse escolhido como parâmetro para a análise.

A Tipologia das Interfaces, proposta por Máximo (2023), é uma tipologia para a Libras, na qual as interfaces são tidas como “camadas gramaticais”. Estas, por sua vez, são responsáveis por se organizar e constituir a gramática da Libras. Ademais, esta proposta tipológica analisa como as diferentes “camadas” interagem entre si, já que elas não poderiam servir apenas como um instrumento de “separação”, já que a análise das línguas de sinais deve levar em consideração a sua forma de percepção, que difere da língua oral, como dito anteriormente. Deste modo, os níveis linguísticos, como Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica são interligados.

A Tipologia das interfaces oferece uma espécie de lente para que possamos analisar a interação entre os níveis linguísticos e está organizada nas seguintes categorias propostas por Máximo (2023): “Relações Morfosintáticas; Relações sintático-semântico; Relações morfossemânticas”. Essa “lente” possibilita o

entendimento sobre como os fenômenos se manifestam entre as mais diversas línguas. Ou seja, aplicar esta tipologia à Libras, a partir do fenômeno de negação, permite a contribuição para mapear os tipos de línguas de sinais, pois apesar da existência de vários estudos acerca do fenômeno de negação em Libras, as pesquisas que tratam da negação a partir do ponto de vista tipológico ainda são poucas.

A presente pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, objetivou a busca de uma tipologia da Libras, aplicando o modelo de tipologia das interfaces, proposto por Máximo (2023), a partir da perspectiva da interface morfossintática, com foco no fenômeno da negação. A análise centrou-se nos tipos de negação e na posição que as sentenças negativas ocupam na estrutura frasal, conforme os parâmetros definidos por Máximo (2023), a fim de compreender qual padrão é predominante na Libras. Para tanto, foram selecionados vídeos produzidos por pessoas surdas, disponíveis na plataforma YouTube. As sentenças negativas extraídas desses vídeos foram organizadas em quadros analíticos contendo: a transcrição da sentença, o tempo exato em que ocorreu no vídeo, o tipo de negação e sua posição na frase. Os resultados apontam que o tipo de negação predominante foi a negação lexicalizada ao verbo e que a posição da negação predominante nas sentenças se deu no meio da frase próximo a um pronome pessoal.

Através de nossa análise, esperamos contribuir com o desenvolvimento de outros estudos acerca da tipologia da Libras, principalmente no que se refere ao fenômeno de negação, pois ainda é um fenômeno que não é frequentemente abordado de acordo com a perspectiva tipológica. Além disso, esperamos que nosso trabalho sirva como base para possíveis comparações com outras línguas de sinais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Libras

A Libras, (Língua Brasileira de Sinais) configura-se como uma língua natural, pois segundo Quadros e Karnopp (2004), uma língua natural, além de possuir um sistema de regras, permite que o falante produza infinitas frases, proporcionando, a comunicação. Ademais, é uma língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira. A Libras, como seu próprio nome já diz, é composta por sinais, que seria o equivalente às palavras em uma língua oral, por assim dizer. No entanto, o modo de percepção entre as línguas de sinais e as línguas orais é diferente, pois uma é percebida através da visão e a outra, da audição. Deste modo, a Libras, enquanto língua de sinais, exige uma análise que leve em conta tal característica, já que ela impacta diretamente na organização estrutural da língua.

O reconhecimento da Libras enquanto língua se deu com a lei 10.436, do ano de 2002. A partir desse reconhecimento, os estudos linguísticos acerca da Libras foram impulsionados e aprofundados.

2.2 Modalidade das línguas de sinais

O reconhecimento das línguas de sinais enquanto línguas naturais, com seus aspectos e estruturas, se deu ao trabalho de William Stokoe (1978). O objetivo de Stokoe (1978), a partir da análise linguística sistemática da ASL (American Sign Language) era provar que as línguas de sinais eram, de fato, línguas, identificando-as como “objetos legítimos de estudo linguístico”.

Após a contribuição significativa de Stokoe (1978) para o reconhecimento das línguas de sinais enquanto línguas legítimas, os estudos acerca das línguas de

sinais eram desenvolvidos e aprofundados. No entanto, os estudos eram feitos a partir das línguas orais. Ou seja, se as línguas orais tivessem tais características e as línguas de sinais também, estas poderiam ser, de fato, consideradas línguas. Desta forma, a diferença entre as modalidades das línguas não eram postas em consideração - e este quesito influencia, diretamente, as particularidades linguísticas de cada língua, bem como na análise destas.

Nesse mesmo sentido, Van der Hulst (1993) afirma que apesar de as línguas de sinais e as línguas orais apresentarem características em comum quanto aos seus aspectos fonológicos, não se pode evidenciar que as línguas de sinais devam ser analisadas e estudadas com as mesmas estratégias de análise das línguas orais. Como abordamos, a Libras é uma língua composta por sinais, que, na perspectiva das línguas orais, seria o equivalente a palavras. Logo, o modo de estudo dessas línguas deve levar em consideração suas modalidades, pois elas impactam diretamente na estrutura da língua. Assim, os sinais não devem ser analisados utilizando o método de separação silábica, por exemplo, visto que as palavras das línguas orais, são elementos sonoros, e os sinais são elementos visuais.

Posteriormente, Crasborn (2012), evidencia como principal diferença entre as línguas orais e as línguas de sinais o modo de percepção destas, sendo, respectivamente, audição e visão. Essa diferença, em síntese, configura-se como uma distinção de modalidade. A consideração desse aspecto, no que diz respeito ao estudo e análise das línguas de sinais é fundamental, pois, o autor evidencia que essa característica impacta diretamente na estrutura gramatical da língua. Logo, se línguas de modalidades diferentes apresentam estruturas diferentes, não devem ser analisadas do mesmo modo.

2.3 Tipologia Linguística

Segundo Bossaglia (2019), a Tipologia Linguística configura-se como uma disciplina que objetiva a classificação ou agrupamento das línguas humanas segundo os seus tipos. Os tipos, por sua vez, são a reunião das línguas que, de acordo com determinado aspecto, partilham a mesma característica no que diz respeito à estrutura.

Assim, as línguas são agrupadas de acordo com uma característica a ser levada em consideração de modo a reunir as semelhantes. Sendo assim, a partir de um aspecto que têm em comum, as línguas são selecionadas e postas em uma mesma “caixa”, por exemplo. Ou seja, se o aspecto para seleção das línguas semelhantes for a presença do artigo em sua estrutura, as línguas que possuem artigo serão postas em uma “caixa” e as línguas que não possuem, em outra “caixa”. Deste modo, teremos línguas de tipos diferentes. Em suma, este é o papel da tipologia linguística.

Ademais, Bossaglia (2019) evidencia que a Tipologia Linguística visa não só a classificação das línguas, mas também a busca de maneira mais profunda sobre o que ela intitula como “universais linguísticos”. Ou seja, a Tipologia busca, para além da classificação e agrupamento das línguas, a identificação de aspectos que todas as línguas têm em comum, atentando-se aos favoritismos que elas apresentam. Esta função que a Tipologia Linguística desempenha é de suma importância, pois a partir dela, podemos compreender sobre o modo com o qual as línguas se comportam. Assim, por se tratar de línguas humanas, regidas pela cognição, todas elas apresentarão características em comum, o que configura-se como os universais linguísticos.

2.4 Negação e Tipologia Linguística

Conforme Horn (1989), a negação é de suma importância para a vida humana, pois a partir dela conseguimos suprir algumas necessidades, como a de refutar algo, contradizer. Por isso, sentenças negativas são indispensáveis para a comunicação humana. Assim, fazemos o uso de sentenças negativas constantemente em situações cotidianas. Ou seja, no uso da língua em contextos reais de interação.

Nas línguas de sinais, o fenômeno de negação, tal como Devos e Pfau (2015) explicitam, é composto por marcadores manuais e não manuais. Segundo os autores, os marcadores manuais configuram-se como os sinais para “não”, já os marcadores não manuais, referem-se ao balanço da cabeça para os lados.

No entanto, esses marcadores de negação não são padronizados, ou seja, apresentam variações de uma língua de sinais para outra. Assim, existem tipos diferentes de como a negação se apresenta em diversas línguas de sinais. Segundo Devos e Pfau (2015), em várias línguas de sinais, a negação manual, apesar de ser utilizada, é opcional, pois o mais comum é negar algo através do balanço da cabeça. Já em outras línguas de sinais, a combinação das negações manuais e não manuais é aplicada e são dependentes para que o sentido negativo da frase possa ser completo.

Desse modo, o fenômeno de negação configura-se como um aspecto o qual possibilita o mapeamento tipológico. Como citado anteriormente, existem alguns modos de negação que são variáveis de uma língua de sinais para outra. Assim, configuram-se como grupos tipológicos distintos. A exemplificar, temos o grupo tipológico no qual as línguas de sinais têm a negação manual predominante e o outro grupo no qual os tipos de negação manual e não manual são combinados.

Assim, a partir da tipologia linguística, é possível mapear o uso das sentenças negativas nas línguas de sinais, comparando-as e agrupando-as, de acordo com a sua tipologia, levando em consideração o modo de percepção das línguas de sinais. Por conseguinte, a análise seria feita a partir da característica de visualidade das línguas de sinais, sem mapeá-las a partir das línguas orais, que são de modalidade distinta. Deste modo, as línguas de sinais seriam comparadas entre si, a partir dos elementos em comum que apresentam, devido ao seu modo de percepção.

2.5 Tipologia das Interfaces

Segundo Máximo (2023), a tipologia das interfaces diz respeito a uma proposta tipológica para a Libras, na qual as interfaces configuram-se como “dimensões gramaticais” (MÁXIMO, 2023). Em síntese, a gramática da Libras está disposta a partir de várias camadas. Estas camadas, por sua vez, seriam as interfaces, que, segundo a autora, “se sobrepõem e se desdobram, organizando as estruturas da língua” (MÁXIMO, 2023, p. 190).

A partir dessa concepção, podemos entender que as classes gramaticais na Libras relacionam-se entre si, sem necessariamente estarem dispostas em “caixinhas”, as quais seriam separadas a fim de estudarmos as estruturas que compõem a Libras de maneira isolada, tal qual a Língua Portuguesa, por exemplo. Assim, os limites gramaticais aos quais Máximo (2023) se refere, seriam abalados. Portanto, os níveis gramaticais são interligados devido a modalidade visual-espacial da língua, o que influencia diretamente na organização de sua gramática.

Máximo (2023) evidencia que as interfaces são a junção de níveis gramaticais, os quais não devem ser separados para estudar a gramática da língua

de sinais, já que as interfaces se relacionam a fim de estruturá-la. Então, separá-las, resultaria na desestruturação da gramática. As interfaces propostas por Máximo (2023) são: “morfologia-sintaxe, sintaxe-semântica, morfologia-semântica” (MÁXIMO, 2023, p. 192). Por conseguinte, a autora propôs a seguinte organização para a tipologia das interfaces: relações morfossintáticas; relações sintático-semântico; relações morfossemânticas.

Ademais, a proposta tipológica feita por Máximo (2023), intitulada como Tipologia das Interfaces é baseada nos princípios epistemológicos que ela determina como “simultaneidade”, “hibridismo estrutural”, “perspectiva ontogenética” e “iconicidade”. A partir desses princípios, a autora busca compreender a forma de organização das categorias gramaticais, visando entender como a pessoa surda compreende o mundo e “está” nele, com base no uso de sua língua, que, no caso em questão, é a Libras.

O princípio epistemológico intitulado como “simultaneidade” por Máximo (2023), diz respeito ao modo como a Libras é estruturada, a partir de seus componentes, que são os sinais. Se “as unidades que originam os sinais estão ligadas umas às outras ao mesmo tempo” (MÁXIMO, 2023, p. 148) logo, são simultâneas. E, se a Libras é composta por sinais, sua estrutura também deve ser da mesma natureza. Ou seja, sua estrutura é simultânea, o que se deve à modalidade da língua. Com base no princípio da simultaneidade, compreende-se que os sinais são compostos por unidades mínimas e que estas unidades mínimas são regidas por regras de combinação.

O hibridismo estrutural, princípio definido por Máximo (2023), refere-se à conexão que os níveis gramaticais possuem, “fazendo com que a gramática da língua funcione nas interfaces” (MÁXIMO, 2023, p. 149). Deste modo, o estudo e análise da língua devem levar em consideração este princípio, pois se a língua se estrutura de maneira híbrida, conectando suas classes gramaticais, o modo de analisá-la deve respeitar essa característica e não restringir a análise das línguas de sinais a partir da separação dessas classes, por exemplo. Do ponto de vista tipológico, talvez, o hibridismo trouxesse certa dificuldade para o mapeamento das línguas. No entanto, Máximo (2023) enfatiza que a Tipologia deve ser tomada como ferramenta para que possamos encontrar características recorrentes nas línguas.

A perspectiva ontogenética, por sua vez, de acordo com Máximo (2023), diz respeito à perspectiva que as pessoas têm sobre o mundo, bem como o modo de interpretação que elas têm acerca dele. É possível compreender esta perspectiva através do uso da língua em situações reais de interação. Assim, o uso da língua é regido pelos seus usuários, já que a língua é resultado da cognição que nós, seres humanos, possuímos, o que impacta diretamente no modo como as línguas se organizam e se estruturam. Assim, depreende-se que a Libras deve ser analisada não somente a partir de suas características, mas também sobre como os usuários nativos desta língua e como o seu modo de expressão e compreensão influenciam a estrutura da Libras.

Por fim, para Máximo (2023) a iconicidade não é tida somente quanto em seu conceito mais amplo, proposto por Capovilla e Martins (2020), no qual a iconicidade diz respeito à forma dos sinais, ou seja, à sua “aparência” para com o que ele está representando. A exemplificar, temos o sinal de “casa”, que se assemelha à uma casa em sua forma real. Por isso, o sinal de casa é icônico. Máximo (2023), não restringe a iconicidade somente aos sinais, mas também à língua e como esta se estrutura. Assim, “a iconicidade permeia a gramática, ao revelar as motivações linguístico-conceituais para que as estruturas se entrelacem em seu funcionamento

interfático” (MÁXIMO, 2023, p. 151). Em síntese, a percepção que as pessoas surda têm sobre o mundo, reflete diretamente no modo como se comunicam e estruturam orações, por exemplo, configurando-se como um tipo de iconicidade estrutural.

O caminho que será percorrido neste trabalho será regido pelas relações morfossintáticas, que são compostas por: “classes ontogenéticas; entidades representativas; estrutura argumental do verbo; interrogação; negação; posse” (MÁXIMO, 2023, p. 192), mais especificamente, com foco no fenômeno de negação.

A partir da concepção que a autora tem sobre os contextos de uso da língua em situações de interação, bem como os padrões linguísticos que surgem a partir deste uso, ela identifica as formas de negação na Libras, bem como sua posição na frase.

Segundo Máximo (2023), existem quatro formas de realização da negação na Libras, as quais ela intitula como:

através do sinal manual, com as configurações de mãos em 1 e B; apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda; a dupla negação; a negação lexicalizada em alguns verbos. (MÁXIMO, 2023, p. 195).

Ademais, Máximo (2023, p. 195-196) destaca que:

as posições para a negação são: no início da frase como uma resposta à uma pergunta anterior; no meio da frase, próximo de um pronomes de pessoa; no meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação; no meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação; no início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação; no início da frase como marcador de opinião, usando a cabeça.

Finalmente, a proposta feita pela autora leva em consideração não somente a língua, mas também o uso da língua feito pela pessoa surda, objetivando entender os padrões linguísticos que surgem desse uso. Diante dessa perspectiva, objetivamos a compreensão de como o uso da língua em contextos reais de interação, feito por pessoas surdas, modela a estrutura gramatical da Libras, visando entender o funcionamento do fenômeno de negação nesta língua, bem como as recorrências e predominâncias de uso.

3 METODOLOGIA

Adotamos uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, com base em pesquisa documental. A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995), não se desenvolve através de dados que podem ser enumerados, ou medidos, a sua função não é se preocupar com números, em síntese. A pesquisa qualitativa desempenha o papel de obter dados descritivos a partir do objeto a ser estudado. Sendo assim, o pesquisador tem a função imprescindível de escolher os dados, analisá-los e interpretá-los; atentando-se mais ao caminho que percorre enquanto desempenha suas funções, do que necessariamente ao resultado.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de dois critérios de análise: tipo de negação e posição da negação na frase, de acordo com a proposta de Máximo (2023); sendo organizada em duas etapas: seleção dos vídeos e análise dos vídeos.

Os vídeos foram retirados da plataforma online YouTube e constituíram o corpus documental da pesquisa, sendo analisados com base nos seguintes critérios:

- Os vídeos foram sinalizados por pessoas surdas;
- Os vídeos contiveram no mínimo 2 minutos e no máximo 15 minutos, com o intuito de que a presença de diversos tipos de sentenças negativas fosse assegurada;
- O engajamento foi levado em consideração. Assim, os vídeos selecionados precisavam ter a partir de 60 curtidas.

A escolha dos vídeos da plataforma YouTube foi justificada por seu fácil acesso, pela diversidade de conteúdo produzido por pessoas surdas e pela facilidade em relação a visualizar o engajamento, bem como a relevância de cada vídeo.

Para a busca dos vídeos utilizou-se a sentença “canais de pessoas surdas” no campo de busca da plataforma Youtube e a escolha dos vídeos foi feita manualmente, de acordo com os critérios mencionados. Após a seleção, os vídeos tiveram suas sentenças negativas transcritas e analisadas através do sistema de transcrição de glosas utilizado Máximo (2024), com o intuito de facilitar a percepção de tais sentenças presentes nos vídeos.

Máximo (2024), em Uma tipologia linguística para a Libras, utiliza um sistema de transcrição de glosas desenvolvido por ela, que consiste na tradução/transcrição dos sinais através de palavras do português que mais se aproximam da representação de seu sentido, de acordo com o contexto da sinalização, é claro. Esse sistema facilitou a transcrição dos vídeos que foram analisados. Auxiliando, deste modo, a organização das sentenças negativas em um quadro, facilitando sua análise.

O corpus da pesquisa foi composto por quatro vídeos, totalizando, aproximadamente, 27 minutos. Todos os vídeos utilizados foram produzidos por pessoas surdas e estão todos disponíveis publicamente na plataforma Youtube: “Somos Surdos, estamos prontos para viver!” (<https://youtu.be/5ZT9NL8oNRo>); “A primeira vez que fui assaltado” (<https://youtu.be/LfAdQiYhTp0>); “O medo dos avatares de Libras” (<https://www.youtube.com/watch?v=XCRjT4YAfvU>); “Como eu via as coisas, antes da Libras?” (<https://youtu.be/CzbANmYTcaQ>).

Os vídeos tiveram suas informações organizadas em quadros analíticos de elaboração própria, dispostos na descrição e análise dos dados deste trabalho. As sentenças negativas coletadas desses vídeos foram organizadas nos quadros analíticos contendo: a transcrição da sentença negativa; o tempo exato em que ocorreu no vídeo, bem como a sua duração; o tipo de negação e sua posição na frase, de acordo com Máximo (2023).

Iniciamos a coleta e análise dos dados a partir da identificação do tempo exato no vídeo em que acontecia a sentença negativa. Logo após, a sentença foi transcrita, tendo o seu tipo identificado. Seguimos com a identificação da posição da negação na frase, repetindo esse procedimento durante toda a análise dos cinco vídeos, facilitando a organização das informações. Por fim, desenvolvemos uma breve explicação em parágrafos logo após o quadro analítico de cada vídeo, contendo as ocorrências de negação, seus tipos e suas posições segundo Máximo (2023), a fim de contabilizar os dados e identificar qual a predominância, na sinalização em Libras, das negações nos vídeos analisados.

Dentre as limitações de estudo, a principal delas foi a quantidade de vídeos analisados, visto que trata-se de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Assim, não tivemos tempo para analisar mais do que cinco vídeos. No entanto, a quantidade proposta supriu as necessidades do nosso trabalho. Além disso, o engajamento pôde influenciar na escolha dos vídeos, favorecendo a escolha pelos

que tiveram a maior quantidade de visualizações e curtidas, bem como a influência que os criadores dos vídeos têm na Comunidade Surda.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir do percurso metodológico que desempenhamos conforme descrito no item anterior, apresentamos os quadros que seguem com os achados dos vídeos analisados:

Quadro analítico 1

Vídeo 1: “Somos Surdos, estamos prontos para viver!” (https://youtu.be/5ZT9NL8oNRo)			
Transcrição	Localização no vídeo (minuto)	Tipos de negação (Máximo, 2023)	Posição (Máximo, 2023)
mas ser surdo identidade cultura língua problema difícil? não nada!	0:08 - 0:18	Sinal manual com a configuração de mão em B	No início da frase, como resposta à uma pergunta anterior
nós fazer barreiras limitar? não	0:36 - 0:39	Apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda	No início da frase, como resposta à uma pergunta anterior
mas nós surdos entrar limite limite como conseguir participar interagir? não	1:34 - 1:40	Apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda	No início da frase, como resposta à uma pergunta anterior
parecer esse mundo não é me dar mim não é	2:13 - 2:15	Negação lexicalizada (NÃO-É)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
qualquer coisa desafiar <i>barreiras</i> essas nós precisar não isso precisar-não	2:28 - 2:33	Negação lexicalizada (PRECISAR-NÃO)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
mas verdade esse problema esse não é nosso	3:05 - 3:09	Negação lexicalizada (NÃO-É)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa

não ter nada meu língua de sinais	3:48 - 3:53	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase, por ser um verbo que lexicaliza a negação
também adaptar inserir intérprete nada não	3:54 - 3:56	Apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda	No início da frase como marcador de opinião, usando a cabeça
não ter rampa nada	4:43 - 4:45	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase, por ser um verbo que lexicaliza a negação
como autonomia adaptar? não, não é	4:46 - 4:48	A dupla negação: sinal manual com a configuração de mão em B + Negação lexicalizada (NÃO-É)	No meio da frase, com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação
não ter lugar adaptar não-ter	4:53 - 4:55	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase, por ser um verbo que lexicaliza a negação;
por que pensa igual povo surdo não?	5:03 - 5:06	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
eu não querer vocês ver	5:55 - 5:56	Negação lexicalizada (QUERER-NÃO)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
não! eu querer justo	6:05 - 6:07	Sinal manual com a configuração de mão em B	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
acessibilidade não é bonitinho	6:51 - 6:53	Negação lexicalizada (NÃO-É)	No início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação;
também incluir não é escolha não.	6:54 - 6:57	Negação lexicalizada (NÃO-É) + Sinal manual com a	No início da frase por ser um verbo

		configuração de mão em B	que lexicaliza a negação.
--	--	--------------------------	---------------------------

Fonte: elaboração própria

No vídeo 1, nós encontramos 16 ocorrências de negação, sendo dos seguintes tipos, de acordo com Máximo (2023): “sinal manual com a configuração de mão em B” (4 vezes, sendo 2 vezes combinada com a negação lexicalizada); “apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda” (3 vezes); “negação lexicalizada” (10 vezes, sendo 2 vezes combinada com a negação manual com a configuração de mão em B); “sinal manual com a configuração de mão em 1” (1 vez). Ademais, foram encontradas as seguintes posições de acordo com Máximo (2023): “No início da frase, como uma resposta à uma pergunta anterior” (4 vezes); “No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa” (5 vezes); “No início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação” (5 vezes); “No início da frase como marcador de opinião, usando a cabeça” (1 vez); “No meio da frase, com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação” (1 vez).

Quadro analítico 2

Vídeo 2: "A primeira vez que fui assaltado" (https://youtu.be/LfAdQiYhTp0)			
Transcrição	Localização no vídeo (minuto)	Tipos de negação (Máximo, 2023)	Posição (Máximo, 2023)
mês? lembrar não	1:08 - 1:09	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
<i>espalhar tudo?</i> não gotas	3:09 - 3:12	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
eu ver <i>eu</i> não saber ele se arma ou faca ou fingir eu não saber	3:21 - 3:25	Negação lexicalizada (NÃO-SABER)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
mas eu não conseguir defender	3:26 - 3:27	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
ver não rosto gritar	3:33 - 3:34	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação

celular aberto bloquear não aberto	3:39 - 3:42	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação
eles <i>gritar meu rosto</i> continuar <i>gritar</i> eu entender não eu RUIM surdo	3:44 - 3:49	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
surdo RUIM não! eu nervoso não!	3:49 - 3:53	Sinal manual com a configuração de mão em B	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
não acreditar como?	4:03 - 4:05	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação
mas eu explicar não parte palavra Gabriel não	5:23 - 5:26	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
calma gritar calma encontrar mas não pegar homem prender não	6:16 - 6:20	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação
eu pensar ele mau cabeça dura? não legal	7:11 - 7:15	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
não eu não ter paciência	7:34 - 7:36	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
também se vocês quem não registrar	8:30 - 8:32	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação

Fonte: elaboração própria

No vídeo 2, encontramos 14 ocorrências de negação, sendo dos seguintes tipos, de acordo com Máximo (2023): “Sinal manual com a configuração de mão em 1” (11 vezes); “negação lexicalizada” (2 vezes); “Sinal manual com a configuração de mão em B” (1 vez). Ademais, foram encontradas as seguintes posições de acordo com Máximo (2023): “No início da frase como resposta à uma pergunta anterior” (3 vezes); “No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa” (6 vezes); “No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação” (5 vezes).

Quadro analítico 3

Vídeo 3: “O medo dos avatares de Libras” (https://www.youtube.com/watch?v=XCRjT4YAfvU)			
Transcrição	Localização no vídeo (minuto)	Tipos de negação (Máximo, 2023)	Posição (Máximo, 2023)
você registrar meu canal? não	0:07 - 0:09	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
peças cinema criar não não pode	0:42 - 0:44	Dupla negação = Sinal manual com a configuração de mão em 1 + Negação lexicalizada (verbo poder)	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação
teatro prejudicar acabar acabar verdade? não acabar acabou não continuar	0:46 - 0:52	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação
televisão cinema acabar? não continuar	1:45 - 1:49	Apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
comunicação essa não tem fim	1:58 - 2:00	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase, por ser um verbo que lexicaliza a negação

limitar prender não	2:00 - 2:01	Apenas com o balanço da cabeça para a direita e para a esquerda	No início da frase como marcador de opinião, usando a cabeça
não ter como	2:05 - 2:06	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase, por ser um verbo que lexicaliza a negação
não evitar não	2:06 - 2:07	Sinal manual com a configuração de mão em B	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação
como evitar? não ter	2:09 - 2:11	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
tecnologia prender? não ter	3:56 - 3:58	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
tradutor esse intérprete sumir? vai não	4:28 - 4:31	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior

Fonte: elaboração própria

No vídeo 3, nós encontramos 11 ocorrências de negação, dos seguintes tipos, de acordo com Máximo (2023): “Sinal manual com a configuração de mão em 1” (4 vezes, sendo 1 vez combinada com a negação lexicalizada); “Apenas com o balanço da cabeça para a esquerda e para a direita” (2 vezes); “Negação lexicalizada” (4 vezes); “Sinal manual com a configuração de mão em B” (1 vez). Além disso, encontramos as seguintes posições de acordo com Máximo (2023): “No início da frase como resposta à uma pergunta anterior” (5 vezes); “No meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação” (2 vezes); “No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação” (1 vez); “No início da frase, por ser um verbo que lexicaliza a negação” (2 vezes); “No início da frase como marcador de opinião, usando a cabeça” (1 vez).

Quadro analítico do vídeo 4

Vídeo 4: “Como eu via as coisas, antes da Libras?” https://youtu.be/CzbANmYTcaQ			
Transcrição	Localização no	Tipos de negação (Máximo, 2023)	Posição (Máximo, 2023)

	vídeo (minuto)		
mas responder bom positivo animado? não	0:18 - 0:21	Sinal manual com a configuração de mão em 1	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
eu não ter identidade surda	0:25 - 0:27	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
também não ter ouvinte nada	0:27 - 0:28	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase, por ser um verbo que lexicaliza a negação
eu não saber meu sinal nada não	0:28 - 0:30	Negação lexicalizada (NÃO-SABER) + Negação manual com configuração de mão em B	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
eles não saber sobre ser	0:36 - 0:38	Negação lexicalizada (NÃO-SABER)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
you parecer não surdo	0:41 - 0:43	Negação manual com configuração de mão em 1	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
porque eu memória não igual elefante	1:06 - 1:08	Negação manual com configuração de mão em 1	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
o que é memória bom? não	1:08 - 1:09	Negação manual com configuração de mão em 1	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
não poder subir	1:15 - 1:16	Negação lexicalizada (NÃO-PODER)	No início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação;
eu pensar cadê carro? moto não poder	1:20 - 1:22	Negação lexicalizada (NÃO-PODER)	No início da frase como resposta à uma pergunta anterior
mas eu não saber eles é eu família	1:28 - 1:31	Negação lexicalizada (NÃO-SABER)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa

não ter sentido também não ter significado	1:43 - 1:45	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação;
eu não saber é letra dá comunicação	1:46 - 1:48	Negação lexicalizada (NÃO-SABER)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
eu perceber não	2:21 - 2:22	Negação manual com configuração de mão em B	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
parecer ter lei obrigar menino não poder fazer coisa	2:25 - 2:29	Negação lexicalizada (NÃO-PODER)	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação
eu não saber o que significa palavra novela novela	2:40 - 2:43	Negação lexicalizada (NÃO-SABER)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
ver ele não não é pessoa boa não	2:59 - 3:01	Negação manual com configuração de mão em 1 + negação lexicalizada (NÃO-É)	No meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação
eu acreditar não mundo redondo	3:29 - 3:32	Negação manual com configuração de mão em 1	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
eu não querer inocente	3:39 - 3:40	Negação lexicalizada (QUERER-NÃO)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa
antes eu não ter pensar o que significa palavra telefone	4:15 - 4:19	Negação lexicalizada (NÃO-TER)	No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa

Fonte: elaboração própria

No vídeo 4, foram identificadas 20 ocorrências de negação, dos seguintes tipos, de acordo com Máximo (2023): “Negação manual com configuração de mão em 1” (6 vezes, sendo 1 vez combinada com “negação lexicalizada”); “Negação lexicalizada” (14 vezes, sendo 1 vez combinada com “Negação manual com configuração de mão em B” e 1 vez combinada com “Negação manual com configuração de mão em 1”); “Negação manual com configuração de mão em B” (2 vezes, sendo 1 vez combinada com negação lexicalizada). Ademais, encontramos as seguintes posições de acordo com Máximo (2023): “No início da frase como

resposta à uma pergunta anterior” (3 vezes); “No meio da frase, próximo de um pronome de pessoa” (12 vezes); “No início da frase por ser um verbo que lexicaliza a negação” (3 vezes); “No meio da frase com negação manual seguida de verbo que não lexicaliza a negação” (1 vez); “No meio da frase com negação manual seguida de verbo que lexicaliza a negação” (1 vez).

Analisando-se os dados obtidos, foi possível identificar que o tipo de negação e sua posição na frase, segundo Máximo (2023), foi a “negação lexicalizada em alguns verbos”, com o total de 30 ocorrências a partir da análise dos quatro vídeos e a posição predominante foi “no meio da frase próximo de um pronome de pessoa”.

O primeiro achado trata da predominância da “negação lexicalizada em alguns verbos” e pode ser justificado a partir da morfologia da Libras, que, como Máximo (2023) defende, é isolante. Ou seja, a Libras não possui morfema, de modo que o sinal já tem um sentido completo. Por conseguinte, cada sinal equivale à uma unidade significativa. Assim, alguns verbos não necessitam que o sinal de “não” seja feito juntamente ao sinal do verbo para terem o sentido de negação completo, pois a negação já está incorporada ao sinal. Deste modo, alguns verbos têm o sinal diferente quando se têm o sentido oposto, não configurando-se como a junção do sinal de “não” ao sinal do verbo. A exemplificar, temos o sinal do verbo poder, que, em seu sentido oposto, configura-se como um sinal totalmente diferente, que já possui sentido completo. Em síntese, a negação imbricada em alguns verbos pode ter sido predominante devido à morfologia da língua.

Outra hipótese que justifica a negação lexicalizada ser predominante nos vídeos analisados é que a negação comporta-se de forma semelhante à própria estrutura argumental do verbo, no caso dos verbos de concordância. Ou seja, assim como os verbos de concordância permitem a lexicalização do objeto e do sujeito no sinal, alguns verbos trazem consigo a noção de negação lexicalizada. Deste modo, é possível que os verbos licenciam, ou seja, autorizam, que sujeito e objeto estejam codificados nele. Sendo assim, há verbos que permitem a negação estar codificada, ou seja, representada no próprio verbo.

Ademais, outra justificativa possível para a predominância de verbos com negação lexicalizada deve-se ao princípio de iconicidade, proposto por Máximo (2023). Segundo a autora, toda a gramática da Libras é permeada pela iconicidade, ou seja, a iconicidade não se restringe somente aos sinais, mas sim a todo o funcionamento da gramática da língua. Esta iconicidade, por sua vez, além de construir significado, representa o modo de percepção que a pessoa tem sobre o mundo. Por conseguinte, essa justificativa também nos leva à perspectiva ontogenética, que é outro princípio epistemológico abordado por Máximo (2023).

Deste modo, se a negação está lexicalizada, os surdos representam a noção de “não” a partir das ações do mundo, que são e se restringem aos verbos, pois não encontramos negações lexicalizadas em substantivos, nem em adjetivos. Assim, a negação só pode ser lexicalizada nos verbos. Em síntese, na perspectiva de mundo da pessoa surda, as ações podem ter uma noção de “não”, que já estão inseridas na própria ação, como: “não poder”, “não querer”, “não conseguir” e “não gostar”. Assim, configuram-se como verbos que estão muito relacionados a ações práticas, as quais estão situadas na perspectiva do “fazer”, ao invés de estarem situadas na perspectiva do “sentir” ou do “pensar”, por exemplo. Em suma, na perspectiva de mundo das pessoas surdas, essa noção de negação já pode estar lexicalizada no verbo, o que singulariza sua compreensão de mundo.

Em relação à posição da negação predominante nos vídeos, que foi, segundo Máximo (2023), “no meio da frase, próximo de um pronome de pessoa”, justificamos essa predominância também a partir do princípio de iconicidade da língua. Ou seja, possivelmente, o pronome de pessoa atrai a negação, por isso, estão juntos. Assim, em muitos casos o pronome de pessoa e a partícula negativa não podem ser separados, indicando, desta maneira, uma forma de iconicidade. Se determinada estrutura é atraída por outra estrutura, não podendo ser separadas, por conseguinte, devem-se ao princípio da iconicidade da língua, que, nesse caso, é uma iconicidade com viés gramatical.

Ademais, o princípio da perspectiva ontogenética também pode justificar o porquê de a negação estar próximo a um pronome de pessoa, já que é a pessoa quem realiza uma “não ação”. Ou seja, os verbos estão relacionados, em sua maioria, aos indivíduos, já que eles são os responsáveis pelas ações. Deste modo, a proximidade da negação com o pronome de pessoa deve-se ao fato de que é alguém que realiza a ação, o “não existir”, “não poder”, o “não ser”, por exemplo. Depreende-se, portanto, que a negação tem que ser praticada por um indivíduo, por isso, localiza-se, em sua maioria, próximo a um pronome de pessoa, o que, novamente, se debruça sobre a perspectiva de mundo da pessoa surda.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve o intuito de, a partir do modelo tipológico proposto por Máximo (2023), abrir caminhos para o desenvolvimento acerca da tipologia da Libras, centrada no fenômeno de negação. A análise se deu através de vídeos disponíveis publicamente no Youtube, produzidos por pessoas surdas brasileiras, a fim de analisar o uso da língua em contextos reais de interação, examinando os tipos de negação e a sua posição na frase.

Diante da análise dos quatro vídeos propostos, identificamos que o tipo de negação mais frequente foi a negação lexicalizada nos verbos e que sua posição predominante foi no meio da frase, próximo a um pronome de pessoa. Esses achados podem indicar a perspectiva de mundo da pessoa surda sobre o fato de que a negação é praticada por um ente consciente, isto é, um indivíduo que é codificado na língua pelo pronome de pessoa.

Com base nesses resultados, é evidente que a modalidade visual da Libras influencia diretamente em seu modo de análise, que não deve se restringir à comparação com a língua oral, por exemplo, mas a partir de outras línguas de sinais. Respeitando, deste modo, suas particularidades linguísticas. Além disso, compreende-se que o princípio de iconicidade, bem como a perspectiva ontogenética influenciam no funcionamento da Libras, pois dizem respeito ao modo como os indivíduos surdos percebem o mundo e se expressam, o que reflete diretamente na estrutura da língua.

Embora tenhamos analisado uma pequena quantidade de vídeos, a necessidade deste trabalho foi suprida. Além disso, a nossa pesquisa configura-se como uma abertura de perspectiva para o desenvolvimento de futuras pesquisas no que diz respeito à tipologia linguística aplicada às línguas de sinais, principalmente, sob a perspectiva do fenômeno de negação, que é uma área pouquíssimo explorada. Assim, é possível, desenvolver outros trabalhos, inclusive, comparando várias línguas de sinais.

Depreende-se, portanto, que o fenômeno de negação na Libras possui padrões em sua gramática, que não se restringem apenas à estrutura da língua, mas também se atentam à sua modalidade, ou seja, o aspecto de visualidade e

realização da língua no espaço é levado em consideração, bem como à perspectiva de mundo da pessoa surda, o que influencia diretamente no modo de organização e no funcionamento da gramática da língua.

REFERÊNCIAS

BETO CASTEJON. *A primeira vez que fui assaltado*. 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/LfAdQiYhTp0>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

BOSSAGLIA, Giulia. *Linguística comparada e tipologia*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, nov. 2019. 208 p. (Coleção Linguística para o Ensino Superior, v. 9). ISBN 978-85-7934-176-2.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> . Acesso em: 21 jun. 2025.

CAPOVILLA, Fernando César; MARTINS, Antonielle Cantarelli. Resolvendo o paradoxo da iconicidade: o caso dos sinais de Libras. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 37, n. 114, p. 269–285, 2020. DOI: 10.51207/2179-4057.20200023. Disponível em: <<https://doi.org/10.51207/2179-4057.20200023>> . Acesso em: 23 jun. 2025.

CRASBORN, Onno. Phonetics. In: [S.l.], ago. 2012. Cap. 2 (p. 4–20) de: *Sign Language*. [Formato digital]. DOI: 10.1515/9783110261325.4. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/236784464_Phonetics> . Acesso em: 20 jun. 2025.

DEVOS, Connie; PFAU, Roland. Sign language typology: the contribution of rural sign languages. *Annual Review of Linguistics*, Palo Alto, v. 1, p. 265–288, 2015. DOI: 10.1146/annurev-linguist-030514-124958.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57–63, mar./abr. 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 mar. 2025.

HORN, Laurence R. *A natural history of negation*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2001. (The David Hume Series).

ISFLOCOS. *Somos surdos, estamos prontos para viver!*. 2025. Disponível em: <<https://youtu.be/5ZT9NL8oNRo>> . Acesso em: 18 mar. 2025.

LÉO VITURINNO. *Como eu via as coisas, antes da Libras?*. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/CzbANmYTcaQ>>. Acesso em: 19 mar. 2025.

MÁXIMO, Nídia Nunes. *Tipologia linguística da Libras*. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

MÁXIMO, Nídia Nunes. Uma tipologia linguística para a Libras. *Revista da Abralin*, v. 23, n. 2, p. 896–921, 2024. Disponível em:

<<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2205/2897>>. Acesso em: 27 maio 2025.

NELSON PIMENTA. *O medo dos avatares de Libras*. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/XCRjT4YAfU>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 221 p. ISBN 978-85-363-1174-6.

STOKOE, William C. *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. Burtonsville, MD: Linstok Press, 1978. 94 p. ISBN 0932130038.

VAN DER HULST, Harry. Units in the analysis of signs. *Phonology*, Cambridge University Press, v. 10, n. 2, p. 209–241, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4615436>>. Acesso em: 20 jun. 2025.